

Referência para citação: TORRES, R. (2003). Ler Clarice Lispector, re-escrevendo Amor. [Em linha]. Disponível em <http://www.ufp.pt/~rtorres/ens.htm>. [Consultado em dd/mm/aaaa]. Contacto para citação, publicação ou conferência: [rtorres@ufp.pt](mailto:rtorres@ufp.pt)

## Ler Clarice Lispector, re-escrevendo Amor

Rui Torres

Universidade Fernando Pessoa, Porto

*ABSTRACT: Desenraizada do mundo estável e coerente em que vive, Ana, personagem principal do conto "Amor", de Clarice Lispector, tem uma revelação quando, sentada num autocarro, vê um cego a mascar chiclete. Ana interroga-se então, e pela primeira vez, acerca da fuga, da libertação. Esta epifania, que resulta de um gesto aparentemente simples e que é tão comum nas obras da escritora brasileira, serve para mostrar a instável relação que a mulher brasileira mantém com as exigências da sociedade patriarcal a que está subjugada. Serve ainda para mostrar que a rotina e a estabilidade emocional, embora estejam, pretensamente, na base da identidade feminina, são uma máscara que prende a mulher a um quotidiano impregnado de simbologias masculinas. Assim, quando sente a vertigem da bondade que a arrancaria à estupefacção e à banalidade, logo Ana recorre aos filhos, aos objectos domésticos, às suas tarefas diárias. As releituras criativas que experimentei a partir do texto de Clarice têm como objectivo ampliar o lado libertador da personagem. Para tal, trabalhei no sentido de fazer uma re-escrita poética de certas frases, metáforas e imagens que Lispector explora ao longo do seu texto e que considero características duma ilegibilidade fundamental.*

### **Metodologia**

Este trabalho resulta de uma reflexão acerca da possibilidade de a crítica literária se inscrever, não numa prática de organização e classificação, mas antes num movimento de imersão no discurso do seu objecto, expandindo, dessa forma, a(s) ambiguidade(s) do texto. Esta perspectiva é informada por uma visão feminista e estruturalista do texto, teorias que sugerem a instabilidade textual e o inacabamento (ou abertura) das práticas discursivas como elementos constitutivos do sistema literário.

Escrever para dialogar com um texto: admitir a possibilidade de ser a re-

Referência para citação: TORRES, R. (2003). Ler Clarice Lispector, re-escrevendo Amor. [Em linha]. Disponível em <http://www.ufp.pt/~rtorres/ens.htm>. [Consultado em dd/mm/aaaa]. Contacto para citação, publicação ou conferência: [rtorres@ufp.pt](mailto:rtorres@ufp.pt)

escrita criativa dos textos que lemos um dos possíveis nódulos da crítica literária. Foi investido desta estratégia que escrevi o poema Amor de Clarice, expandindo, em vez de limitar, a ambiguidade potencial dos textos da autora brasileira. O poema-leitura Amor inscreve-se assim na tradição devoradora e 'plagiotrópica' da poesia experimental.

Consciente de que não se trata de uma atitude inovadora, embora talvez possa tornar-se renovadora, este poema apela a uma compreensão do(s) texto(s) enquanto entidades híbridas, em permanente metamorfose. É também uma forma de inscrever o contemporâneo corpo no território da tradição: (no)ovo novel(h)o. Este aspecto autoreflexivo atravessa e marca profundamente todo o modernismo, nomeadamente através da construção de relações (interdisciplinares?) entre crítica e manifesto, ensaio e poética, teoria e poesia. Trata-se de uma diluição das fronteiras rígidas e inflexíveis da classificação, isto é, dos Cânones, que se observa também em termos práticos no aparecimento do contestado género de 'prosa poética'. O certo é que o resultado destes processos, característicos da reciclagem artística (Pós-moderna à altura da produção do poema) foi já amplamente divulgado: uma vasta literatura respeitante à metalinguagem pode ser consultada nos manifestos dos poetas experimentalistas e concretistas, nomeadamente nas obras de Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Décio Pignatari no Brasil, e Ana Hatherly e E. M. de Melo e Castro em Portugal.

É também nesta perspectiva que Maria dos Prazeres Gomes, em *Outrora agora*, de 1993, faz uma cartografia das relações dialógicas na poesia portuguesa de invenção, concentrando o seu estudo naquilo a que chama o "movimento plagiotrópico das formas culturalmente fixadas" (1993: 19), lendo a esse propósito um variado conjunto de textos que encenam a transformação e a devoração da tradição, numa atitude a que a autora

Referência para citação: TORRES, R. (2003). *Ler Clarice Lispector, re-escrevendo Amor*. [Em linha]. Disponível em <http://www.ufp.pt/~rtorres/ens.htm>. [Consultado em dd/mm/aaaa]. Contacto para citação, publicação ou conferência: [rtorres@ufp.pt](mailto:rtorres@ufp.pt)

chama de "crítico-lúdico-transgressora" (1993: 22). Esta 'operação tradutora' é, segundo Gomes, uma "releitura crítica da tradição" (1993: 20) e é através da existência de textos deste cariz que se pode testemunhar a plagiotropia como um "movimento inalienável da literatura" (1993: 20).

De uma forma semelhante, o poema apoia-se numa concepção criativa do acto de ler. *Ler Clarice Lispector* é acordar com Clarice, é um apelo à escrita: escrever Clarice. Como refere Robert Scholes, "o preço do ingresso [na leitura] é o labor da própria criação, [e por isso] ler correctamente exige que principiemos por redigir-nos a nós próprios" (Scholes 1991: 21). Respondendo ao apelo lançado pelos mundos possíveis de Clarice, o mundo das coisas infinitamente pequenas, a escrita torna-se um detalhe, um pormenor da luta contra o esquecimento.

A re-escrita ganha um sentido acrescido por se tratar de um texto de uma escritora, uma vez que o feminismo enfatiza com particular veemência a releitura da tradição. Como incidentalmente explica Sandra Gilbert em "What Do Feminist Critics Want", "the words beginning with the prefix re- have lately become prominent in the language of feminist humanists (...) [uma vez que] we must return to the history of what is called Western culture and reinterpret its central texts." (32). Reinterpretar será aqui, portanto, re-escrever (ou interpretar é escrever).

É também apoiando-se num sentido de revisão que Paula Coeey, num ensaio intitulado "Bad Women, the Limits of Theory and Theology", identifica a banalização da agência feminina conduzida pela actual 'teologia' feminista. Segundo Coeey, a violência feminina é vista pela teoria e pela teologia numa perspectiva dualista em que a mulher é reduzida, ou a vítima, ou a sobrevivente de uma vitimização (1997: 137). Esta dualidade acaba por perpetuar a polarização das imagens e representações da mulher

Referência para citação: TORRES, R. (2003). Ler Clarice Lispector, re-escrevendo Amor. [Em linha]. Disponível em <http://www.ufp.pt/~rtorres/ens.htm>. [Consultado em dd/mm/aaaa]. Contacto para citação, publicação ou conferência: [rtorres@ufp.pt](mailto:rtorres@ufp.pt)

como sendo, ora incapaz de praticar o mal, ora demonizando-a. Neste sentido, a simplificação da complexidade feminina sustenta uma visão da mulher como sendo definível apenas na sua relação com outros (Cooey 1997: 137). Isto é particularmente evidente no que toca à posição da mulher como potencial mãe, uma vez que esta redução inflama os próprios conceitos teóricos e teológicos acerca daquilo que constitui o humano, permanentemente masculinizado. De facto, o masculino mascara-se frequentemente como a categoria universal de humanidade, anulando a distribuição do poder na dicotomia masculino/feminino, criando, ao invés, uma hierarquia na relação entre esses pólos (Cooey 1997: 141).

Como ficou claro a partir das demonstrações dos estudos estruturalistas e desconstrucionistas, definimos as coisas através de opostos mas impomos uma hierarquia a essa mesma oposição: homem, sanidade e discurso, por exemplo, são dominantes na relação com, respectivamente, mulher, loucura e silêncio, que são dessa forma relegados para um situação de subjugação. Esta "ambiguidade moral" em que a mulher é literalmente colocada existe porque, como mostra Cooey, designar a mulher como má é uma prática discursiva comum, sujeita como tal às práticas discursivas do dia-a-dia (1997: 138). E se a demonização da mulher mistifica a moralidade de algumas mulheres "com o propósito de domesticar todas as outras" (Cooey 1997: 141), de que forma poderá a mulher má, como fora-da-lei entre as fora-da-lei, colocar em causa as distinções entre bom e mau, dentro e fora, centro e margem?.

Também Clarice Lispector amplia e encena estes problemas. Compreendendo que a escrita e a linguagem é que permitem recriar um lugar para a mulher, a sua escrita feminina sobrepõe, à autoridade e à linearidade causal, o diálogo, a intertextualidade, a paródia, propondo desse modo o que todos os poetas malditos redescobriam na tradição: o jogo

Referência para citação: TORRES, R. (2003). *Ler Clarice Lispector, re-escrevendo Amor*. [Em linha]. Disponível em <http://www.ufp.pt/~rtorres/ens.htm>. [Consultado em dd/mm/aaaa]. Contacto para citação, publicação ou conferência: [rtorres@ufp.pt](mailto:rtorres@ufp.pt)

verbal, o prazer do texto.

É sabido que todo o discurso está ideologicamente situado, isto é, toda a interpretação é aprendida e construída historicamente. Adaptando um exemplo discutido por Toril Moi, não é aprendendo uma língua que aprendemos o vocabulário recorrente do sexismo próprio dessa língua. Mas não apenas é todo o significado determinado por um contexto, como também a hipotética luta de poder entre os sexos é ela própria parte de um contexto determinado pelo patriarcado. De facto, e como esclarece Luce Irigaray em *Speculum de l'autre femme*, a opressão da mulher não existe apenas na organização material económica, social, médica e política, mas principalmente na origem e na fundação da própria razão, no logos e na articulação do discurso, isto é, nos procedimentos linguísticos subtis e nos processos lógicos através dos quais o sentido é gerado, isto é, não na língua mas na fala. (Cit. in Felman 1997: 9). Ora é precisamente ao nível da fala, no domínio da execução e do discurso, que podemos desafiar os pressupostos teóricos da crítica e da história literárias.

Tendo em conta estes aspectos, re-escrevo o texto de Clarice partindo do pressuposto que a análise feminista permite olhar as definições tradicionais de literatura com suspeição e, portanto, renovadamente, clamando dessa forma por uma crítica intervencionista e criativa, na senda das práticas auto-reflexivas de leitura acima referidas. Por outro lado porque a única forma de destruir a epistemologia falocêntrica dominante é expondo a falta de naturalidade da sua origem, e isso, como argumentam várias autoras, pode apenas ser feito a partir de dentro. Aceitando o repto generalizado do feminismo para constantemente revitalizar a crítica através do exame cuidadoso às suas próprias premissas, certezas e técnicas, parti para a aventura da escrita de escrever com Clarice.

Referência para citação: TORRES, R. (2003). Ler Clarice Lispector, re-escrevendo Amor. [Em linha]. Disponível em <http://www.ufp.pt/~rtorres/ens.htm>. [Consultado em dd/mm/aaaa]. Contacto para citação, publicação ou conferência: [rtorres@ufp.pt](mailto:rtorres@ufp.pt)

## Corpus

A personagem central do conto "Amor" é uma mulher, Ana, dona-de-casa, de-marido e de-filhos, que vive para agradar aos outros, esquecendo-se por isso de si mesma. Um dia, num carro eléctrico (bonde), quando voltava das compras habituais, Ana observa um cego a mastigar pastilha elástica e fica atónita, confusa. Partem-se os ovos que Ana traz consigo, e o "encontro" é tão intenso que Ana se esquece de sair na sua paragem, acabando ao invés no Jardim Botânico, onde entra e permanece durante algum tempo, num estado de reflexão e revitalização. Assim que se lembra dos seus filhos, porém, Ana regressa apressadamente para casa, perturbada com o que lhe acontecera, mas decidida a continuar o seu modo simples de vida. Alguma coisa terá mudado em Ana?

O momento em que Ana desperta e reflecte sobre a sua – digamo-lo apenas provisoriamente – identidade corresponde a uma epifania, frequente motivo da escrita de Clarice Lispector que coincide com a própria definição de arte adiantada por Viktor Shklovski. Dando voz ao Formalismo russo, Shklovski explica que, no nosso comportamento do dia-a-dia, habituamo-nos de tal forma à presença do mundo que deixamos de lhe prestar atenção. O modo de percepção que resulta desta alienação repetida é, segundo o autor, um "método algébrico de raciocínio" e o alcance desta banalização da vida é enorme. Ela percorre toda a experiência humana: "Habitualization devours works, clothes, furniture, one's wife, and the fear of war" (Shklovski 1989: 58). A esta percepção automatizada, no entanto, Shklovski contrapõe uma percepção estética, vinculada pela arte e que permite ver a beleza 'natural' dos objectos e das coisas. Neste sentido, a arte existe para contrapor a tendência automatizadora: "it exists to make one feel things, to make the stone stony. The purpose of art is to impart the sensation of things as they are perceived and not as they are known" (Shklovski 1989: 58).

Referência para citação: TORRES, R. (2003). Ler Clarice Lispector, re-escrevendo Amor. [Em linha]. Disponível em <http://www.ufp.pt/~rtorres/ens.htm>. [Consultado em dd/mm/aaaa]. Contacto para citação, publicação ou conferência: [rtorres@ufp.pt](mailto:rtorres@ufp.pt)

Mas esta experiência estética é também, para Ana, um momento de pavor e medo. Condicionada por um esquema tradicional de família, Ana é vítima da sua própria liberdade. E esta experiência repete-se também no seu quotidiano. Ao cair da tarde, sem os filhos e o marido, Ana ficava possuída por pensamentos terríveis, que apenas acabavam quando saía para fazer compras ou para levar objectos para consertar. Assim, podemos verificar que embora esse momento de descoberta seja o que de positivo e próprio Ana tem, ainda assim ela se sentia desprotegida, desabrigada.

É a partir deste sentido de moralidade ambígua de que Ana é vítima que parto para de novo tecer o texto, um outro, explicando e transgredindo a rotina da escrita de Ana/Clarice Lispector, adiando a estabilidade interpretativa e a sedimentação do sentido. Nessa escrita de um novo ovo (novo/no velho) existe também algo de criminoso, e é justamente no acto de rebeldia contra a moral convencional que se pode romper com a tradição, acto de rebeldia e resistência que é também um acto de amor: poema-leitura que continua onde Ana, receosa, se quedou...

Referência para citação: TORRES, R. (2003). Ler Clarice Lispector, re-escrevendo Amor. [Em linha]. Disponível em <http://www.ufp.pt/~rtorres/ens.htm>. [Consultado em dd/mm/aaaa]. Contacto para citação, publicação ou conferência: [rtorres@ufp.pt](mailto:rtorres@ufp.pt)

## Bibliografia

Cooley, Paula M. (1997). "Bad Women: The Limits of Theory and Theology". In: Chopp, R. & Davaney, S. (eds.). *Horizons in Feminist Theology: Identity, Traditions, and Norms*. Minneapolis, Fortress Press, pp. 137-53.

Felman, S. (1997): "Women and Madness: The Critical Phallacy". In: Warhol, R. & Herndl, D. (eds.). *Feminisms: An Anthology of Literary Theory and Criticism*. New Brunswick, Rutgers UP, pp. 7-20.

Gomes, Maria dos Prazeres. (1993). *Outrora agora. Relações dialógicas na poesia portuguesa de invenção*. São Paulo, EDUC.

Lispector, Clarice. (1990). *Laços de Família*. Lisboa: Relógio D'Água.

Moi, Toril. (1993). *Feminist Theory and Simone de Beauvoir*. London: Blackwell Publishers.

Scholes, Robert. (1991). *Protocolos de leitura*. Lisboa: Edições 70.

Shklovski, Viktor. (1989). "Art as Technique". In: Davis, R. & Schleifer, R. (eds.). *Contemporary Literary Criticism*. Nova Iorque: Longman, pp. 54-66.